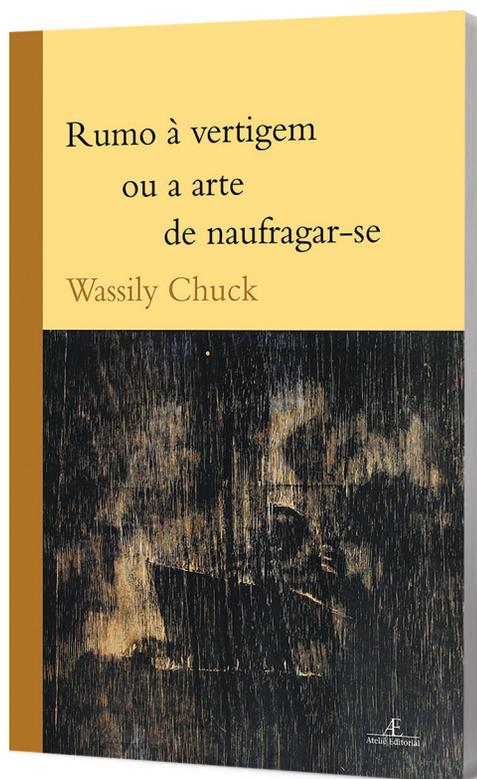


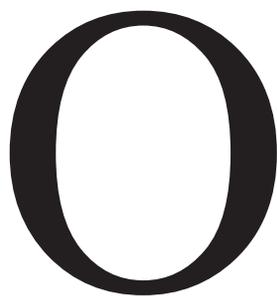
livros



Poética da derrelição: o grito do silêncio

José de Paula Ramos Jr.

Rumo à Vertigem ou a Arte de Naufragar-se, de Wassily Chuck, Cotia, Ateliê Editorial, 2015, 184 p.



primeiro livro de Wassily Chuck, *Sombras*, foi publicado em 2006 pela editora Tessitura, de Belo Horizonte. Da mesma árvore poética, plantada nessa

primeira obra, surgiram os livros seguintes, todos lançados pela Ateliê Editorial: *Silêncios de Água e Pedra* (2008), *O Outro Lado do Vento* (2010) e, agora, este *Rumo à Vertigem ou a Arte de Naufragar-se* (2015), que formam uma trilogia poética, pois há entre eles uma notável unidade temática e formal.

Nesses três livros, evidencia-se o domínio consciente da técnica. Os poemas de Wassily Chuck são, geralmente, curtos e constituídos por versos breves, mas polimétricos, tratados como versos livres, ou seja, com medida e ritmo, embora não uniformes, que articulam cadências, ora lentas, ora vertiginosas, com as imagens sugeridas pelas palavras, realçando-as ou esgarçando-as, contribuindo assim para uma forte concentração dos efeitos de sentido. Para isso, também contribui a harmonia imitativa, por meio de assonâncias, sugestivas de tonalidades cambiantes, quase sempre crepusculares ou noturnas, e aliteraões, sugestivas de movimento e de sensações sinestésicas.

“[...]”

E, lento, me volto
ao mar, lar das viagens
sem volta, anotando, a cada onda,
o que se esvai de mim, fragmentos
de um diário afogado,
o sim ao não,
o sim à noite”
 (“Toda Palavra”).

Esses recursos de melopeia, que fazem da musicalidade composta das palavras um eco dos (múltiplos) sentidos suportados por elas, encontram-se disseminados nos versos e nos poemas das três obras aqui tratadas. Mais que domínio técnico, evidencia-se nos poemas dos três livros citados a unidade formal de uma voz poética amadurecida pelo estudo e dotada de personalidade tão forte quanto própria.

A originalidade dessa voz, no entanto, não se divorcia da tradição ou, melhor, de uma certa tradição. Ao contrário, ela provém de correntes que buscaram estreitar a relação entre poesia e música, entre palavra e sua sonoridade, no intuito de realizar uma poética da sugestão, segundo a qual “*Nommer un objet, c’est supprimer les trois quarts de la jouissance du poème qui est faite du bonheur de deviner peu à peu; le suggérer, voilà le rêve*”¹, como assevera Mallarmé.

Nesse sentido, a poesia de Wassily Chuck distancia-se da linguagem da comunicação para explorar o poder alusivo da palavra, capaz de suscitar o implícito no explícito, o não dito no dito, o hermético no aberto, o não ser no ser.

“Não, não palavra
qualquer,
o que é
é escuro, dentro e fora,
avesso a nomes, alheio
à língua; só
a palavra
navegante, rumo
ao silêncio, palavra
que diz nada,
o que é dito dura pouco,
louça comum, logo trincada,
como as do velho armário da cozinha.
Copos, corpos partidos, tudo
que é dito
se parte, se perde, quando finda o dia
e os astros ateam o exílio noturno”
 (“Não, Não Palavra”).

A despeito dessa e de outras afinidades com o poeta francês, como, por exemplo, a exigência de rigor formal, a poesia de Wassily Chuck não se

1 “Nomear um objeto é suprimir os três quartos da fruição do poema, que é feita da felicidade de adivinhar pouco a pouco; sugerir, eis o sonho.”

JOSÉ DE PAULA RAMOS JR. é poeta, crítico literário, professor do curso de Editoração da ECA-USP e autor de, entre outros, *Leituras de Macunaíma: Primeira Onda (1928-1936)* (Edusp/Fapesp).

inscreve no âmbito da arte pela arte, tão cara ao autor de *Un Coup de Dés*, pois é possível entendê-la como uma interpretação poética da vida que, embora fragmentária, apresenta coerência e coesão ao longo de toda a trilogia.

O caráter obsessivo dessa peculiar interpretação contribui para a construção da *persona* autoral dotada de voz própria, bem como para o efeito de unidade da trilogia e de cada livro dela. No entanto, embora se realize de modo original na poesia de Wassily Chuck, tal interpretação mantém estreito diálogo com outros discursos da cultura. Ela retoma Calderón de la Barca ao postular que “*la vida es sueño*”, embora cética perante a hipótese de que a vida possa ser configurada livremente pelo homem, defendida na peça do dramaturgo espanhol. Essa interpretação agrega também a definição de Píndaro, segundo a qual o homem é “o sonho de uma sombra”, mas distancia-se da hipótese consoladora do poeta grego, que admite, nos versos subsequentes da sua “Pítia VIII”, a iluminação divina que pudesse tornar apetecível a vida dos mortais:

“[...] Sonho de sombra
o homem, mas quando claridade por Zeus dada vem
límpido brilho há nos homens e doce é a vida”².

Não. A luz divina não mais ilumina o homem, pois os deuses desertaram do mundo ou, segundo Nietzsche, estão todos mortos. Ilusões excluídas, o homem se reduz à finitude desamparada de sua condição num mundo degradado.

No ensaio “Prólogo do Autor: Rumo à Vertigem”, contido no segundo volume (*O Outro Lado do Vento*) da aparente trilogia, há um testemunho do poeta em que se explicita o sentimento de derrelição, característico da poética de Wassily Chuck. Assim, a voz que se pronuncia em seus poemas mantém uma relação estreita com o pensamento existencialista, naquilo em que Heidegger e Sartre concordam, pois o discurso poético mostra-se impregnado da convicção de que o homem, uma vez lançado no mundo, está por conta própria.

Ocorre, porém, que o mundo é compreendido como lugar inóspito, na linha das considerações

de Schopenhauer. Para Wassily Chuck, assim como para o filósofo do pessimismo alemão, a vida é dor. Nesse sentido, do ponto de vista da genealogia poética lusófona, a poesia de nosso autor remete à tradição que remonta, ao menos, a Antero de Quental (sem desconsiderar vínculos, maiores ou menores, anteriores, como Camões, ou posteriores ao autor dos *Sonetos Completos*, como, em certo sentido, Augusto dos Anjos, para ficarmos na tradição lusófona):

“Só males são reais, só dor existe;
Prazeres só os gera a fantasia;
Em nada, um imaginar, o bem consiste,
Anda o mal em cada hora e instante e dia”³.

Todavia, se para Schopenhauer a dor se associa à vontade, entendida como fundamento de todo ser e que move o homem por intermédio das paixões e dos desejos, para Wassily Chuck a dor decorre do horror perante a barbárie, a miséria e a alienação humana, que historicamente se repõem no irracionalismo das guerras, massacres, genocídios e outras mazelas dos séculos XX e XXI, como a coisificação do homem pela “ditadura das leis do mercado [...]”, tão feroz quanto qualquer tirania” (Chuck, 2008, p. 16), segundo se depreende do mencionado “Prólogo” do poeta ao livro *O Outro Lado do Vento*.

O dilacerante sentimento de dor, na poesia de Wassily Chuck, decorre da reflexão sobre os desatinos históricos da humanidade, causas imediatas do ceticismo radical que se instala em seus poemas.

Assim sendo, a derrelição característica da poética do autor não se configura somente como sentimento de abandono e desamparo do homem no mundo, mas também como profundo sentimento de angústia, de solidão e de repúdio.

Como manifestações de tal repúdio, há duas alternativas que se oferecem ao poeta: “o grito e o silêncio” (Chuck, 2008, p. 20).

A escolha de uma dessas possibilidades, por sua vez, exige uma investigação de caráter ontológico. Perante a ilusão do mundo feito de

2 Tradução de Jaa Torrano (1996, p. 141).

3 Primeira estrofe do soneto “A Germano Meireles” (Quental, 1980, p. 47).

aparências, onde encontrar o verdadeiro fundamento do ser do homem?

Como resposta a essa indagação, Wassily Chuck se apropria das postulações de Heidegger, contidas na conferência “Que é Metafísica?”, pronunciada em 1929, que suspende o dilema de Hamlet ao identificar a afirmação com a negação: ser é não ser, na medida em que o nada, origem de toda negação, dá sentido a tudo que ele não é.

O nada não é um objeto ou um ente, mas “revela-se propriamente o nada com o e no ente” (Heidegger, 1973, p. 238), de tal modo que, “como remissão (que rejeita) ao ente em sua totalidade em fuga, ele [o nada] revela este ente em sua plena, até então oculta, estranheza como o absolutamente outro – em face do nada” (Heidegger, 1973, p. 239).

“Um passo além do nada e chegas a ti mesmo. Somente o medo te mantém deste lado do espelho” (“Breve Diálogo entre o Poeta e sua Sombra”).

A fugacidade e a alteridade do ser, do ente e do homem assim se revelam perante o nada e seus correlatos objetivos: as imagens da viagem, do mar, da noite, do naufrágio e da morte,

recorrentes neste *Rumo à Vertigem ou a Arte de Naufragar-se* que, agora, a Ateliê Editorial oferece ao leitor inteligente e exigente, bem como ao leitorado que nada espera além da fruição sensível de uma poesia encantadora, embora profundamente melancólica. Todavia, perante a obra poética de Wassily Chuck, talvez fosse oportuno advertir o incauto leitor com as palavras de Manuel Bandeira (1966, p. 7):

“Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

[...]

E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

– Eu faço versos como quem morre”.

Contudo, é preciso compreender a poesia de Wassily Chuck não como fuga *da* realidade, mas como fuga *para* a realidade, por meio de um canto em surdina, à *bocca chiusa*, ou do silêncio eloquente, que comove como um grito visceral, sofrido, lúcido e autenticamente humano.

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

CHUCK, Wassily. “Prólogo do Autor: Rumo à Vertigem”, in *O Outro Lado do Vento*. Cotia, Ateliê Editorial, 2008, p. 16.

HEIDEGGER, Martin. “Que é Metafísica?”, in *Os Pensadores* (v. XLV). São Paulo, Abril Cultural, 1973.

QUENTAL, Antero de. *Sonetos Completos*. Porto, Nova Crítica, 1980.

TORRANO, Jaa. *O Sentido de Zeus*. 2ª ed. São Paulo, Iluminuras, 1996.